



20º Congresso de Iniciação Científica

TODA BIBLIOTECA É UMA AUTOBIOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE AS DE ALBERTO MANGUEL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Autor(es)

BRUNO PIRES DE OLIVEIRA

Orientador(es)

RENATA CRISTINA OLIVEIRA BARRICHELO CUNHA

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

A formação de professores corresponde a um processo que supõe a construção de múltiplos saberes das diferentes áreas do conhecimento e que acontece em muitos espaços, mediada por práticas relacionais e culturais. O desenvolvimento profissional ocorre na simultaneidade do desenvolvimento pessoal do professor, compreendido como conhecimento de si próprio, como autoconsciência que permite reconhecer-se implicado nas relações e transformações que ocorrem na escola (SÁ-CHAVES, 2000).

Segundo Larrosa (1998, p.23), essa autoconsciência ou consciência de si pode ser ampliada no contato com as tramas literárias em que “cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu”.

Para Candido (2002), a literatura tem uma função humanizadora, ou seja, a capacidade de confirmar a humanidade do homem na medida em que ao representar uma dada realidade social e humana permite que o leitor compreenda melhor essa mesma realidade. Soares (2004) defende a mesma posição e relaciona os conceitos de humanização à democratização, argumentando que a leitura literária, além de condição para uma plena democracia cultural, é também um instrumento que tem o potencial de democratizar o ser humano.

Esse potencial formativo da leitura e da literatura é referência na vasta obra de Alberto Manguel (2002, p.27), para quem “ler nos ajuda a manter a coerência no caos, não a eliminá-lo (...); a não confiar na superfície brilhante das palavras, mas a investigar a escuridão”.

Embora sua obra não trate especificamente das contribuições da leitura e da literatura para a formação de professores, seus ensaios podem permitir que os formadores de professores extraiam lições importantes para o planejamento e encaminhamento de práticas de formação docente.

2. Objetivos

O objetivo da pesquisa de Iniciação Científica foi identificar, nas obras do ensaísta Alberto Manguel, as funções da leitura e contribuições da leitura literária para a formação dos sujeitos e, em especial: 1. buscar relacionar as experiências de leitura ao desenvolvimento pessoal e profissional de professores; 2. extrair lições para as práticas de formação inicial e continuada de

professores.

3. Desenvolvimento

A pesquisa, de natureza bibliográfica, considerou os ensaios de Manguel sobre a leitura (1997, 2000, 2001, 2005, 2006, 2008, 2009). O processo de construção da pesquisa, após o levantamento das obras, obedeceu aos seguintes passos na sistematização do material: produção de fichas de leitura (ECO, 1989) com os principais conceitos do autor; organização de sínteses que buscaram destacar aspectos específicos relacionados aos objetivos da pesquisa; construção de eixos de análise a partir da relação entre os objetivos e as teorias do autor; produção do relatório final.

4. Resultado e Discussão

No conjunto de seus textos, Alberto Manguel enfatiza alguns conceitos e defende algumas posições que estão organizadas em três eixos de análise: 1. A leitura e o leitor; 2. O lido e o vivido; 3. Funções do lido na relação com o vivido.

1. A LEITURA E O LEITOR

Na perspectiva de Manguel, livros podem ser considerados como espelhos do leitor em dois aspectos. O primeiro aspecto diz respeito à identidade do leitor, pois “toda biblioteca é autobiográfica” (2006, p.162). O leitor se caracteriza pelo que escolhe ler e não ler, ou seja, as escolhas pessoais de leituras percorrerão sobre a trajetória de vida do leitor, refletindo sua identidade. Como afirma Manguel (2001, 2006), as buscas e curiosidades de um sujeito, definem a identidade do mesmo e é possível saber quem é um indivíduo apenas analisando sua biblioteca pessoal: as escolhas das obras são autobiográficas, marcas de um leitor singular. O segundo aspecto do livro-espelho está relacionado à interpretação. Aos olhos de Manguel, o ato interpretativo também é pessoal e identitário, o modo como o leitor lê revelará o que o mesmo possui dentro de si. Nesse sentido, Manguel (2000, p.27) declara que “todas as verdadeiras leituras são subversivas”. Essa “subversão”, que é pautada pelas “regras da linguagem” (MANGUEL, 1997) e que é infinita no múltiplo universo da interpretação é o espelho das experiências do leitor.

O segundo aspecto do livro-espelho desconstrói a premissa da leitura entendida como mero ato de recepção. Para Manguel, a leitura é um ato de criação do leitor (conceito abordado em todas as obras de Manguel), pois quando o leitor cria algo diferente do que o autor propôs, então, modifica a obra que lê, subverte o livro.

Manguel descreve algumas características da leitura subversiva, que é a forma de leitura ideal para o autor: é uma modalidade de leitura movida pelo comprometimento do leitor, pois, “Como Pinóquio não vê os livros como fonte de revelação, os livros não lhe devolvem, refletida, sua própria experiência” (MANGUEL, 2009, p.45), uma vez que, como explica Manguel (2000), o livro pode ser visto como mera madeira rabiscada ou como portador de palavras que podem modificar o mundo e o leitor; além disso, a leitura subversiva é pessoal, criativa ou (re)criativa, libertária, lúdica e imprevisível (MANGUEL, 2006). Manguel ainda explica que a leitura subversiva é oposta a modalidade de leitura caracterizada como superficial, passiva, monolítica; em última análise, o leitor não-subversivo, aceita a identidade que lhe é imposta e devido a tal, não cria, não subverte (MANGUEL, 2006). Na perspectiva da leitura subversiva mangueliana, todo livro é uma obra “inacabada” que é completada pelo leitor-criador (MANGUEL, 1997, 2009). Seguindo tal pressuposto, Manguel nomeia o leitor de “artífice” (2008) e “escritor” (2009). É evidente, portanto, que para Manguel (2000, 2008 e 2009) é a postura do leitor que realmente faz a diferença e não o livro em si.

Para o autor (2008), limitar a interpretação de outrem é uma forma de coerção política. Da mesma forma, uma lista de leitura não passa de uma tentativa, tipicamente humana de organização do caos existencial, tentativa impregnada da identidade e das experiências do ordenador (MANGUEL, 2000). Como afirma em todas as suas obras, com exceção de *Lendo Imagens* (2001), nenhuma ordem, biblioteca ou lista de leitura é neutra, inocente ou imparcial.

Manguel (2006) entende que toda biblioteca é uma ilha de ordem artificial cercada pelo caos existencial. Explica que o leitor subversivo pode promover o caos dentro dessa ordem da biblioteca e, a partir de tal caos, criar uma nova ordem. Argumenta que por ter ciência de que toda ordem criada no caos é artificial, o leitor subversivo sente a necessidade de criar sua própria ordenação.

A leitura subversiva, para Manguel, é “adúltera” (1997): o leitor “traí” os livros que lê devido à associação entre os livros, pois “cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1997, p.33). Tal associação não teme anacronismos, aliás, para o autor, a leitura é uma atividade anacrônica, onde um livro escrito no passado é reconstruído por um leitor do presente (MANGUEL, 1997, 2006). Ademais, distâncias históricas não são obstáculos para associações, pois muitas vezes, autores separados por milênios dizem o mesmo, uma vez que há histórias literárias arquetípicas que traduzem dilemas crônicos da humanidade (MANGUEL, 1997, 2005, 2008, 2009).

2. O LIDO E O VIVIDO

Segundo Manguel (2009) não há dicotomia entre ler e viver. O autor denuncia que a “dicotomia artificial entre vida e leitura”

(MANGUEL, 1997, p.36) é açulada, muitas vezes, pelos governos e pelo círculo social do leitor. Segundo o autor, essa cisão deve ser superada não somente porque o cotidiano do leitor está conectado às suas leituras, mas porque a leitura literária é um ato de resistência frente às adversidades cotidianas (MANGUEL, 1997, 2006, 2008). Manguel (1997, 2000) concebe que a literatura se fortalece na injustiça e auxilia grupos oprimidos, resguardando suas identidades, potencializando suas vozes e espelhando suas experiências.

Sustenta que todo leitor está em perpétua mutação endógena (1997, 2000, 2005, 2009) e que os livros espelham essas mudanças (1997, 2000, 2001, 2005). Mas os livros não espelham somente as mudanças internas, refletem também as transformações do cotidiano do leitor (MANGUEL, 2005). Manguel (2005) demonstra que mesmo que um livro seja relido, será sempre diferente aos olhos de quem lê em função do encontro do livro com as novas configurações do cotidiano. Afirma que o cotidiano do leitor e suas leituras, portanto, influenciam-se mutuamente (MANGUEL, 2005, 2009).

Segundo Manguel (1997, 2000, 2005, 2006, 2009), a literatura antecede ou confirma as experiências de vida do leitor ou, ainda, explica experiências que o leitor viveu, mas não pode compreender na época da vivência (MANGUEL, 2005).

É característica marcante de Manguel, em todas as suas obras, a defesa à ficção. Contrapõe-se, pois, à mentalidade hegemônica que desqualifica a ficção e o poder do escritor (e, conseqüentemente, do leitor) de mudar o mundo (MANGUEL, 2000, 2008). Destaca que o desprezo que a sociedade, de maneira geral, nutre para com os escritores, é característica moderna e em defesa do ficcional, Manguel (2000) declara que o que ordinariamente é chamado de “real” não passa de uma ficção, salientando que a realidade não somente se iguala a ficção, mas, muitas vezes, a supera (MANGUEL, 2005). Realça que tanto a ficção quando a chamada “realidade” são feitas da mesma matéria: *palavras* (MANGUEL, 2000, 2009). Entende que a ficção possui, também, forte sentido político, pois questiona qualquer “realidade” que é dada como acabada e imutável (MANGUEL, 2008).

Defender a ficção é o mesmo que pugnar pelo imaginário. Explica Manguel (2008) que a imaginação é um “mecanismo de sobrevivência” que fabrica experiências que educam com a mesma eficiência que as experiências do mundo físico.

3. FUNÇÕES DO LIDO NA RELAÇÃO COM O VIVIDO

Para Manguel (1997, 2000, 2005, 2008, 2009), a literatura proporciona autoconhecimento. “*Quem és tu?*” é a enigmática pergunta que a Lagarta faz para Alice, em *Alice no País das Maravilhas*. Manguel entende que esse questionamento da Lagarta sempre persegue leitores de literatura (MANGUEL, 2005, 2008). O autor (MANGUEL, 2000) levanta um dos aspectos da relevância do autoconhecimento proporcionado pela literatura, explicando que a percepção que o indivíduo tem sobre si afeta a percepção que o mesmo possui sobre o mundo e os outros indivíduos.

Manguel (2001, 2006, 2009) demonstra que o autoconhecimento relaciona-se ao conhecimento do outro, pois o conhecimento do outro fomenta autoconhecimento, ou seja, a literatura potencializa esses dois elementos que se enriquecem mutuamente (MANGUEL, 2008).

O contato com o outro, mediado pela literatura, gera sensibilidade no leitor (MANGUEL, 2000, 2001, 2006, 2009) e o sofrimento do outro, mostrado na literatura, leva o leitor a questionar quais os motivos que impulsionaram tal sofrimento (MANGUEL, 2006).

Manguel (2001, 2005, 2006) ainda trabalha com o conceito de que as obras literárias são um *memento mori* constante para o leitor, possibilitando que o mesmo reavalie a própria vida.

Segundo o autor, o leitor de literatura pode sobreviver à loucura do mundo e a própria loucura, pois ao compreender as atitudes dos personagens pode entender as próprias atitudes, como as atitudes dos outros (MANGUEL, 2009). Afirma, na mesma obra, que o leitor de literatura é um espectador diferenciado: vislumbra a si mesmo e aos outros de forma “indireta” e “lúcida”, protegido pelo distanciamento estratégico do texto, já que não é possível compreender um acontecimento plenamente enquanto se o vive.

A consciência literária da morte, da compreensão do outro e do autoconhecimento são alguns elementos que levam o leitor a adquirir sensibilidade, flexibilidade e empatia. É necessário ainda destacar que, para Manguel (2000, 2005, 2009), a ambiguidade, tipicamente literária combate discursos maniqueístas, levando o leitor a valorizar a diferença e a diversidade.

Segundo Manguel (2000, 2005, 2009), o leitor subversivo conhece a maleabilidade das palavras, pois está acostumado a subverter. Por isso, não é presa fácil de discursos manipuladores.

5. Considerações Finais

Em *À mesa com o Chapeleiro Maluco* (2009), Manguel defende que o professor, além de estimular a reflexão e o questionamento, deve fomentar leituras pessoais e compartilhar leituras literárias, conduzindo os discentes na percepção de que a literatura está conectada à vida. Isso porque a leitura promove autoconhecimento e pela literatura o docente pode tomar consciência de si, dos outros e do mundo, construindo sua subjetividade e (re)organizando sua relação com o contexto em está inserido.

De suas lições, apreendemos que o professor-leitor de literatura poderá ser mais compreensivo e flexível, pois a literatura amplia a sensibilidade, promove a aceitação da diferença e o reconhecimento do outro; algumas experiências vivenciadas pelo docente no percurso de sua história, dentro e fora da sala de aula, poderão ser identificadas na literatura, outras experiências que não eram compreendidas, poderão o ser; a prática da leitura literária poderá se constituir como um ato de resistência frente aos desafios e

dificuldades da prática docente, na medida em que o professor se reconhece em outras experiências. Por fim, a prática docente poderá ser questionada e transformada por intermédio de uma leitura crítica: o estudante e o docente praticantes da leitura literária “subversiva” poderão vir a ser "manipuladores" das palavras, sendo menos manipulados por elas.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, A. Textos de intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002. 392p.

MANGUEL, A. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 408p.

_____. No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 296p.

_____. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 360p.

_____. Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 216p.

_____. A biblioteca à noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 304p.

_____. A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 152p.

_____. A mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 248p.

SÁ-CHAVES, I. Formação, conhecimento e supervisão: contributos nas áreas de formação de professores e de outros profissionais. Aveiro: Universidade, 2000.

SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, A. et al. (org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2004, p.17-32.